

Origens do Turismo Organizado no Rio de Janeiro: notas preliminares sobre a Sociedade Brasileira de Turismo

ANDRÉ BARCELOS DAMASCENO DAIBERT*

1 Introdução

O presente trabalho pretende realizar um estudo preliminar sobre o início da organização da atividade turística na cidade do Rio de Janeiro através de uma perspectiva histórica.

A realização desta pesquisa justifica-se pela carência de estudos, pesquisas, reflexões e literatura técnico-científica que busquem desvendar as origens e a evolução das primeiras instituições de turismo organizado no Brasil, bem como as relações entre o passado e o presente e o papel das iniciativas turísticas no país.

Neste sentido tomou-se como objetivo geral uma análise das origens e evolução da organização da atividade na cidade do Rio de Janeiro no início do século XX. Tal análise contou com o aporte de diferentes aspectos (político, econômico e cultural). Como objetivo específico, realizou-se um estudo sobre a Sociedade Brasileira de Turismo e suas influências na organização da atividade turística na cidade do Rio de Janeiro durante a década de 1920.

O presente artigo foi estruturado em três partes, a saber: No primeiro momento, realizou-se uma contextualização sobre a atividade turística no Brasil e no mundo, enfocando uma discussão conceitual sobre o seu papel na sociedade e na estruturação do território. Em seguida, foi empreendida uma contextualização histórica, política e econômica da cidade do Rio de Janeiro no período anterior à década de 1920, enfatizando principalmente os problemas urbanos e a necessidade de dinamização das atividades econômicas que já apresentavam uma relativa desaceleração se comparada a outras regiões brasileiras na época. E, finalmente, foi realizado um estudo sobre os atores e instituições responsáveis pelo início do turismo organizado na cidade do Rio de Janeiro, onde foi dado destaque à organização denominada Sociedade Brasileira de Turismo.

A pesquisa foi realizada através de duas etapas: 1) Levantamento bibliográfico em livros, artigos, dissertações e teses sobre o tema proposto; e 2) Recolha documental, realizada

* Docente do Departamento de Turismo da UFJF, doutorando em Planejamento Urbano e Regional pelo IPPUR/UFRJ e pesquisador do GESTHU/IPPUR/UFRJ.

na Biblioteca Nacional, tendo como principal fonte a Revista Brasileira de Turismo, editada pela Sociedade Brasileira de Turismo.

2 O campo disciplinar do turismo no Brasil

O turismo é um fenômeno que tem sido tema e objeto de pesquisas em diferentes campos de conhecimento como a Economia, Administração, Geografia, Comunicação e, mais recentemente, as Ciências Sociais. Apesar de sua relevância como fenômeno social e econômico, poucos avanços científicos ocorreram em busca de sua compreensão histórica.

No Brasil, ainda são poucos os estudos que tratam o turismo através de uma perspectiva histórica. Apesar dos significativos trabalhos de Camargo (2003, 2007), Gastal (2008, 2010), Flores (2005), Rejowski (2002), Aguiar (2006), Pires (2001) e Barbosa (2005), os mesmos se apresentam como iniciativas isoladas e pontuais num cenário geral.

Apesar da relevante contribuição prestada por Castro (1999, 2002), Machado (2005, 2008) Perrotta (2011), Venegas (2011) e Fratucci (2005), pode-se dizer que estudos sobre as origens e evolução do turismo na cidade do Rio de Janeiro ainda são raros e os mesmos apresentam-se como exceções. Fratucci, ao analisar a evolução do turismo no estado do Rio de Janeiro afirma que

A recuperação da história recente do processo de ocupação e ordenamento do território turístico do estado do Rio de Janeiro ainda deve merecer pesquisas mais aprofundadas que, aliadas às análises multidisciplinares, permitirão um entendimento de como essa atividade turística vem consumindo e transformando esse território (Fratucci, 2005:106).

Diante deste contexto, pode-se afirmar que ainda são escassos os estudos que relatem as origens e evolução dos atores e das instituições que fomentaram a organização do turismo tanto no Brasil como no Rio de Janeiro. Com isso, este trabalho pretende, mesmo que de forma preliminar, preencher parte desta lacuna ainda aberta.

2.1 Turismo e questão espacial

Uma importante linha conceitual que será analisada é a categoria “turismo” e sua evolução histórica como construção cultural moderna caracterizada por uma heterogeneidade de práticas sociais. Neste trabalho, será assumido que o turismo vai muito além do simples

deslocamento. Portanto, um dos principais teóricos utilizados será Jonh Urry. Segundo este autor

O turismo é uma atividade de lazer, que pressupõe seus opostos, isto é, um trabalho regulamentado e organizado. Constitui uma manifestação de como o trabalho e o lazer são organizados, enquanto esferas separadas e regulamentadas da prática social, nas sociedades “modernas”. Com efeito, agir como um turista é uma das características definidoras de ser “moderno” e liga-se a grandes transformações do trabalho remunerado. É algo que passou a ser organizado em determinados lugares e a ocorrer em períodos regularizados (Urry, 2001:17).

Com isto, Urry indica que o turismo é uma criação e uma possibilidade do capitalismo moderno. Outros autores também defendem a visão de que o turismo nasce com o capitalismo. Para reforçar a idéia, serão utilizadas as palavras de Moesch

O Turismo nasceu e se desenvolveu com o capitalismo. A cada avanço capitalista, há um avanço do turismo. A partir de 1960, o turismo explodiu como atividade de lazer, envolvendo milhões de pessoas e transformando-se em um fenômeno econômico, com lugar garantido no mundo financeiro internacional (2000:9).

É no século XIX, quando o sistema capitalista adquiriu seu ímpeto, que muitos autores consideram o surgimento do chamado “turismo moderno”. Pela via da historiografia, lemos em Hobsbawm que

o capitalismo industrial produziu duas novas formas de viagens de prazer: turismo e viagens de verão para a burguesia e pequenas excursões mecanizadas para as massas em alguns países como a Inglaterra (2000:285).

Seguindo a mesma linha de pensamento, Harvey afirma

Depois de 1945, a internacionalização da economia no mundo ocidental, assim como a generalização do fordismo como sistema de produção, trouxeram a formação de mercado de consumo globais, incrementando uma série de atividades internacionais, dentre elas o sistema bancário e o turismo (Harvey, 1989: p. 137).

O turismo, como forma de lazer, surge como uma nova possibilidade de produção e reprodução do capital. Por tratar-se de um fenômeno produzido a partir do liberalismo, percebe-se que as destinações turísticas passam também a ser entendidas como espaços de consumo. Segundo Boyer

O turismo é um tipo de consumo diferente dos outros, pois se realiza em outro local e não visa a satisfação de um necessidade fundamental do homem: ele não é um dado

da Natureza ou do Patrimônio Histórico, pois nenhum lugar é 'turístico em si', nenhum sítio 'merece ser visitado', como diz a literatura turística; o turismo é um produto da evolução sociocultural (...) (2003: 16).

3 Contextualização histórica da cidade do Rio de Janeiro: do Segundo Império à Primeira República

3.1 O decréscimo econômico e político

Em meados do século XIX, as regiões do Vale do Paraíba fluminense e a Zona da Mata mineira configuravam-se como os principais pólos de produção cafeeira do país. Nesse período, a cidade do Rio de Janeiro caracterizava-se como o principal centro urbano de influência dessas regiões, pois ali encontrava-se o porto escoador do café e importador de produtos industriais para abastecimento dessas áreas. Isso fez com que a cidade centralizasse uma série de atividades comerciais, tornando-se um grande “empório” do Brasil.

Após a Proclamação da República e o período da história brasileira denominado de República Velha (1889-1930) o estado do Rio de Janeiro passou por sucessivas crises políticas e econômicas,¹ principalmente em suas atividades agrícolas como o café. Ao analisar a conjuntura econômica do interior fluminense no período, Castro apresenta o cenário onde

A participação da renda oriunda da exportação do café na receita do estado, calculada em 79% do total de 1895, decresceu progressivamente, passando a 28,61% em 1905 (1989:140).

Estas crises marcadas principalmente pela diminuição da importância das elites agrárias fluminenses no cenário nacional foram decisivas para a redefinição da dinâmica econômica do estado. Por consequência, a cidade do Rio de Janeiro também teve sua significação econômica colocada em xeque. Aos poucos, as atividades industriais e a prestação dos mais diversos serviços vão tomando cada vez mais espaço na dinâmica econômica fluminense. Fausto afirma que “membros da burguesia do café tornaram-se investidores em uma série de atividades” (2008:287). Além dos investimentos oriundos dos cafeicultores, outros fatores também ajudaram a desencadear a industrialização como o capital internacional oriundo de

¹ A obra de Marieta de Moraes Ferreira intitulada “Em Busca da Idade de Ouro” (1994) realiza uma análise aprofundada sobre a conjuntura política e econômica das elites fluminenses durante a República Velha. Outras relevantes obras que enfocam principalmente a conjuntura da cidade do Rio de Janeiro são Ferreira e Delgado (2006), Lessa (2005), Enders (2008) e Carvalho (2009), além das outras obras de Ferreira (1989, 2000, 2006).

imigrantes. Isso proporcionou um pioneirismo momentâneo da cidade no Rio de Janeiro na industrialização brasileira.

A partir dos primeiros anos do século XX, outras regiões brasileiras gradativamente cresceram em importância e dividiram com o Rio de Janeiro a hegemonia econômica. Aos poucos, a supremacia industrial do então Distrito Federal vai decrescendo e na década de 1920 o cenário se inverte. A tabela seguinte permite visualizar melhor essa transformação:

Tabela 1: Valor da produção industrial brasileira no início do século XX

	1907	1920
Rio de Janeiro (DF)	33,2 %	20,8%
São Paulo	16,6%	31,5%
Rio Grande do Sul	14,9%	11,0%
Total	64,7%	63,3%

Fonte: Fausto (2008:288)

O então Distrito Federal vai portanto aos poucos perdendo sua centralidade econômica. Apesar de ainda permanecer como centro político-administrativo do país, também decresce o seu peso político (Carvalho, 2009:39).

3.2 A questão sanitária e os problemas urbanos

Em meados do século XIX, a cidade do Rio de Janeiro consolidou-se não apenas como sede político-administrativa, mas também como centro comercial do Império. Além disso, a abolição do tráfico negreiro, o aumento da urbanização, o desenvolvimento das vias e dos meios de transporte e a expansão demográfica aliada ao aumento do trabalho livre, proporcionaram à cidade um significativo processo de modernização e dinamização.

Com a intensificação da produção cafeeira, que vivia seu apogeu, acompanhada pelas inovações tecnológicas oriundas da Europa (ferrovias, navegação a vapor, etc.), tornou-se necessária a melhoria da infra-estrutura visando otimizar a exportação. Esse período, até o fim do século XIX, foi marcado pelo início da “modernização” da cidade do Rio de Janeiro. A

construção das ferrovias, o alargamento de ruas próximas à região portuária, a abertura de linhas de bonde, além dos melhoramentos no porto, são alguns exemplos da mudança da sua estrutura urbana.

Junto a essa acelerada “modernização”, apareceram problemas oriundos principalmente do adensamento populacional proporcionado pelo aumento do trabalho livre e pela dinamização da prestação de serviços, muitas vezes informais.

Um contingente multiforme e flutuante de livres e libertos, cada vez mais numeroso, trabalhava, residia, e perambulava nos limites dessa mesma área central. Ali prevalecia a mais completa e caótica contigüidade entre o mercado onde a força do trabalho era posta à venda, cotidianamente, e o mercado – formal e ambulante – onde as “diárias” incertas se convertiam em gêneros e elementos indispensáveis a sobrevivência e reprodução dessa heteróclita plebe urbana. As diárias eram consumidas no armazém que fornecia alimentos caros, muitas vezes a crédito, no pagamento de um quarto de cortiço (geralmente nos fundos do mesmo armazém), contíguo à oficina, próximo ao porto, vizinho a um sobrado de comerciante opulento, da moradia de um empregado público ou, quem sabe, de uma viúva que, a duras penas, sobrevivia com a renda proporcionada por um ou dois escravos postos ao ganho. (Benchimol, 1990:112)

Tais cortiços, hospedarias e casas de cômodos do centro da cidade que, muitas vezes localizavam-se em ruas estreitas e congestionadas, alojavam a população trabalhadora e também grande parte do contingente de estrangeiros que por ali passavam temporariamente. Muitas dessas habitações eram desprovidas de condições mínimas de higiene, iluminação e circulação de ar. A natureza física do Rio de Janeiro também não era apontada como das mais salubres. Benchimol sintetiza o pensamento higienista da época sobre a cidade da seguinte maneira:

Situada em zona tropical, numa planície baixa e pantanosa, rodeada pelo mar e pelas montanhas, a cidade reunia, segundo os higienistas, duas características adversas: o calor e a umidade proveniente da evaporação das águas do mar, dos pântanos e das chuvas, que não escoavam devido à pouca declividade do solo. Os pântanos eram particularmente temidos por constituírem focos de exalação de miasmas, os pestíferos gases que veiculavam os agentes causadores das doenças e da morte. Os morros da cidade também eram tematizados como fatores de insalubridade, porque impediam a circulação dos ventos purificadores e porque deles escoavam as águas dos rios e das chuvas, que se imobilizavam na vasta planície sobre a qual se estendia a maior parte construída do Rio, tornando-a pantanosa, úmida e calorenta. Assim, desde muito cedo, os médicos defenderam, além do aterro dos pântanos, o arrasamento dos morros (1990:116-7).

Outros elementos também contribuía para a negativa situação sanitária da capital.

Corpos são enterrados nas igrejas localizadas no centro da cidade; animais mortos são encontrados nas ruas; por todos os lados existiam monturos, cloacas, vasilhas de despejo de urina, currais. (...) Fábricas, hospitais e prisões se igualam na ausência de regras higiênicas e disciplinares (...) as ruas são estreitas e tortuosas, dificultando a renovação do ar e a circulação dos veículos, além de serem utilizadas como lugares de despejo de lixo. As praias são imundos depósitos de fezes e lixo. As praças são poucas e mal cuidadas, sem árvores, cheias de poças, lama, imundícies, atestando o desconhecimento de que a relação entre uma praça e uma cidade devia ser idêntica à relação do pulmão com o corpo (Guerra, 1852, apud Benchimol, op.cit.:117).

Esse ambiente adverso, provocado pela densidade populacional, desordenamento urbano e condições sanitárias calamitosas associadas à natureza física da cidade, representaram elementos cruciais para que os higienistas condenassem o Rio de Janeiro como um lugar insalubre. A proliferação de doenças e epidemias foram conseqüências naturais desta situação.

Desde o tempo dos vice-reis, e mais ainda na primeira metade do século XIX, o Rio de Janeiro foi uma cidade insalubre, assolada por freqüentes epidemias. Mas, ao que tudo indica, a primeira grande epidemia de febre amarela fustigou a cidade, com enorme virulência, no período compreendido entre dezembro de 1849 e setembro de 1850 (Benchimol, op.cit.:113).

A grande epidemia de febre amarela mencionada anteriormente foi o estopim do estado de calamidade na qual a capital federal já apresentava nos últimos anos atingindo proporções gigantescas. Os meses de janeiro a março foram os mais críticos, por conta do clima quente e úmido. Segundo Lobo, nos vinte anos que se seguiram, o Rio de Janeiro foi também assolado por epidemias de cólera-morbo e varíola, além de outras moléstias decorrentes também das aglomerações das tropas com destino à guerra no Paraguai (apud Benchimol, op.cit.:122).

É neste tumultuado cenário de crises econômicas, sociais e urbanas que a cidade do Rio de Janeiro vivencia a transição da Monarquia para a República em 1889. Era vital que a capital do país redefinisse seu papel e sua imagem na consolidação deste novo país.

4 Da “Cidade Pestilenta” a “Cidade Maravilhosa”: os Planos de Melhoramentos e o início do turismo organizado

A partir do contexto descrito no ítem anterior, uma das alternativas de redefinição proposta pelos primeiros governos republicanos foi a remodelação urbana através dos

chamados “Planos de Melhoramentos e Embelezamento da cidade do Rio de Janeiro”.² Durante o período denominado República Velha as intervenções foram mais significativas, destacando principalmente a Reforma Passos (1903-1906), as intervenções urbanas durante a administração Carlos Sampaio (1920-1922) e o Plano Agache do final da década de 1920.

Ao longo da primeira metade do século XX, a cidade passou por uma série de intervenções no seu espaço urbano, transformando e modernizando o Rio de Janeiro, possibilitando a formação do cenário para o surgimento do turismo, tornando a cidade um importante centro turístico da modernidade, cuja beleza a fez merecer o título de Cidade Maravilhosa (Machado, 2005:44).

Vale lembrar que vários outros fatores justificaram a implantação dos chamados “Planos de Melhoramentos e Embelezamento da cidade do Rio de Janeiro” como a questão da saúde pública (muito precária na cidade até o século XIX) e a necessidade de modernização da capital do país. Segundo o economista Carlos Lessa

O apoio de Rodrigues Alves à campanha sanitária de Oswaldo Cruz combina com a modernização urbana, reduzindo a mortalidade por febre amarela a zero em 1907. O sanitarista foi por isso reconhecido internacionalmente, inclusive com uma condecoração na Alemanha, no ano da erradicação. O estigma sobre a cidade começou a ser dissolvido. O Rio estaria assumindo condições de recepção de visitantes internacionais. Ainda em 1907 o navio Byron promoveu uma viagem de turismo para conhecer o Rio (Lessa, 2005:196).

Diferentes perspectivas dos planos de melhoramentos do Distrito Federal no início do século XX foram trabalhadas por autores como Abreu (1987), Benchimol (op.cit.), Lessa (2005), Andreatta (2006) e Enders (2008). O ponto comum tratado por todos é a aproximação entre os planos de melhoramentos e a construção de um cenário para o início da atividade turística organizada na cidade do Rio de Janeiro. Ou seja, os autores mostram que os planos de melhoramentos contribuíram significativamente para torná-la atrativa aos visitantes. Nesta linha de pensamento, Enders afirma:

As grandes obras do Rio são coroadas por manifestações de prestígio, que estimulam o turismo na capital. Em 1908, o Brasil celebra com uma exposição nacional o centenário da abertura de seus portos e o fim da época colonial. Em 1922, a exposição é internacional e comemora a independência (Enders, 2008:215).

² Expressão usada por Machado (2005:50) para definir as sucessivas intervenções urbanas que a cidade do Rio de Janeiro passou desde o século XIX até meados do século XX.

No início do século XX, a crescente industrialização, o acelerado processo de urbanização, a ascensão da classe burguesa e do trabalho assalariado, acompanhados pela difusão e evolução das vias e meios de transportes, configuraram um cenário ideal para que a vilegiatura, antes considerada um privilégio de uma restrita elite, fosse aos poucos dando lugar a um outro fenômeno: o turismo.

4.1 Primeiros atores, instituições e empreendimentos turísticos

A partir da consolidação dos melhoramentos urbanos, a então capital federal vai aos poucos despontando como principal destino turístico do Brasil no início do século XX. Vale lembrar que a atividade turística organizada na cidade só se dá a partir das primeiras décadas do século. Segundo Castro:

No Brasil, foi apenas nas primeiras décadas do século XX que o turismo organizado começou a funcionar, tendo como principal centro a cidade do Rio de Janeiro (1999:80-81).

Na década de 1920 outros relevantes empreendimentos vieram à tona, como a inauguração dos hotéis Glória (1922) e Copacabana Palace (1923), o lançamento da pedra fundamental do monumento ao Cristo Redentor (1922), a inauguração do Hipódromo da Gávea (1926) e da companhia aérea *New York, Rio and Buenos Aires* (1929). O Rio de Janeiro sediou em 1922 a Exposição Internacional do Centenário da Independência. Castro e Freire-Medeiros afirmam que

O caminho para o desenvolvimento do turístico do Rio de Janeiro foi lento. A década de 1920, contudo, testemunha tentativas ousadas de organização do turismo como um “negócio” moderno da cidade. Surgem os primeiros hotéis turísticos, agências de viagens e órgãos oficiais destinados prioritariamente a atrair e a receber visitantes – com destaque para a criação, em 1923, da Sociedade Brasileira de Turismo (em 1926, renomeada como Touring Club do Brasil) (2011: 05).

Neste sentido, pode-se assegurar que a década de 1920 foi um divisor de águas para a consolidação do turismo organizado na capital do país, pois nesta década surgiram as primeiras organizações, empresas e associações voltadas exclusivamente ao desenvolvimento de tal atividade.

4.2 A Sociedade Brasileira de Turismo e a Revista Brasileira de Turismo

A Sociedade Brasileira de Turismo (S.B.T.) teve um papel fundamental neste contexto, pois além de ser a primeira organização de abrangência nacional preocupada com o avançar desta prática, também apresentou iniciativas importantes em prol do turismo.

Tratava-se de uma associação privada composta por empresários dos mais diversos segmentos, políticos, construtores, entre outras personalidades que de alguma forma possuíam interesse no desenvolvimento do turismo no Brasil. Vale lembrar que a partir de 1926, a Sociedade Brasileira de Turismo foi renomeada como Touring Club do Brasil.

Uma relevante iniciativa empreendida pela Sociedade Brasileira de Turismo foi a criação da “Revista Brasileira de Turismo” que teve o seu primeiro número publicado em julho de 1924. Esta revista apresentava-se como um veículo de comunicação com dois objetivos claros:

Primeiro: ser um divulgador das iniciativas concretizadas pela S.B.T.;

Segundo: ser um meio de divulgação do turismo brasileiro, dando destaque às atrações, aos lugares passíveis de visitação e aos serviços de suporte ao turista como hotéis, estradas, ferrovias, passeios programados, mapas de localiza o, dentre outras.

Ao analisar os diferentes números da Revista disponíveis na Biblioteca Nacional,³ destacam-se algumas narrativas interessantes como:

- a) Considerável destaque a cidade do Rio de Janeiro como principal centro turístico brasileiro.

Em todos os números observados percebeu-se uma ênfase discrepante de anúncios, propagandas, artigos e imagens sobre a capital federal. Apesar da Sociedade Brasileira de Turismo se intitular como uma organiza o de abrangência nacional e, de fato, em alguns momentos a revista destaca cenários, paisagens e artigos de outras localidades como São Paulo, Petrópolis e Porto Alegre, pode-se afirmar que os mesmos aparecem como exce es.

Um exemplo que ilustra esta afirma o   que os primeiros números da Revista apresentaram uma se o denominada “Guia da Cidade do Rio de Janeiro” dividida em quatro

³ Durante a pesquisa foram analisados as seguintes edi es da Revista Brasileira de Turismo: números I (julho de 1924); número IV (janeiro / fevereiro de 1925); número V (maio / junho de 1927) e número VI (1929). S  foi possível consultar algumas páginas do número II (setembro de 1924), pois estava com grande parte das suas folhas coladas, não sendo possível manuseá-lo integralmente. O número III não foi encontrado na Biblioteca Nacional. Todos estes fascículos foram consultados na Se o de Periódicos da Biblioteca Nacional em sua sede na cidade do Rio de Janeiro no dia 21 de janeiro de 2012.

partes, sendo que cada uma destas partes foram publicados em números diferentes da Revista (do número I ao número IV).⁴ Ou seja, a capital federal era apresentada detalhadamente, enquanto as outras regiões recebiam muito menos destaque.

b) Intensa campanha em prol do desenvolvimento do turismo nacional.

Nos diversos números, a revista apresenta uma defesa incondicional a favor do desenvolvimento turístico brasileiro, inclusive afirmando que o governo estaria cada vez mais apoiando-o.

Em seu quinto número, publicado em 1927,⁵ são realizadas várias citações positivas aos “embelezamentos” que foram realizados e projetados pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Prado Júnior (1926-1930). O próprio editorial da revista já traz destaque a estas ações.

c) Destaque para algumas iniciativas da Sociedade Brasileira de Turismo e outras organizações que surgiram na década de 1920 com objetivos semelhantes.

A revista apresenta uma instituição chamada “Sociedade Anônima de Viagens Internacionais” (SAVI) que era uma empresa brasileira especializada em organizar excursões internacionais. Ela é apresentada como “primeira empresa nacional que se inicia, no seu gênero, no Brasil”. No primeiro número, são apresentados relatos de excursões para Roma, França, “Terra Santa”, entre outras (Revista Brasileira de Turismo, 1924:56-57). No número cinco foram encontrados anúncios de excursões que seriam organizadas pela SAVI em parceria com a Sociedade Brasileira de Turismo.

Outras instituições lembradas constantemente são o “Automóvel Club do Brasil”, presidida pelo Sr. Carlos Guinle e o “Syndicato de Iniciativas de Turismo do Município de Petrópolis” (S.I.T.M.P.). Os sindicatos de iniciativas de turismo possuíam estrutura e objetivos muito próximos aos da Sociedade Brasileira de Turismo. A diferença era a abrangência regional de atuação. No caso do S.I.T.M.P. enfocava-se especificamente o município de Petrópolis. Vale lembrar que a Revista apresenta o S.I.T.M.P. como “o primeiro

⁴ Apesar de não ter sido encontrado o número III, subentende-se que o mesmo publicou uma parte deste guia, pois se observou uma ordem sucessiva entre os números I, II, e IV.

⁵ Este número de maio/junho de 1927 apresenta pela primeira vez o nome do Touring Club do Brasil. Mas ainda aparece o nome Sociedade Brasileira de Turismo em diversos números. A partir desta edição, o nome Sociedade Brasileira de Turismo não mais estará presente e a revista apresenta-se como do Touring Club do Brasil.

fundado no Brasil”. Antes mesmo da Sociedade Brasileira de Turismo (Revista Brasileira de Turismo, 1924:18-19).

d) Campanha em prol do “Rodoviarismo”.

A Revista Brasileira de Turismo apresenta-se em vários momentos como propagadora do movimento pelo rodoviarismo. Em diferentes ocasiões aparecem textos sobre a importância das estradas de rodagem, mapas de rodovias e anúncios de automóveis como o “Dodge Brothers” apresentado como “Carro de Turismo” (Revista Brasileira de Turismo, 1925:26). Em 1929 foi publicado um número especial intitulado “O Monumento Rodoviário” em alusão ao monumento construído pelo Touring Club do Brasil na antiga rodovia Rio-São Paulo.

5 Considerações finais

A partir da análise das narrativas expostas na Revista Brasileira de Turismo, perceberam-se alguns discursos recorrentes como: 1) Considerável destaque a cidade do Rio de Janeiro como principal centro turístico brasileiro; 2) Intensa campanha em prol do desenvolvimento do turismo nacional; 3) Destaque para algumas iniciativas da Sociedade Brasileira de Turismo e outras organizações que surgiram na década de 1920 com objetivos semelhantes; e 4) Campanha em prol do chamado “Rodoviarismo”.

Tendo como base as publicações analisadas, pode-se afirmar que o turismo na cidade do Rio de Janeiro começou a dar seus primeiros passos significativos como atividade organizada a partir da década de 1920, pois os seus principais atores e instituições empreenderam relevantes ações neste sentido. Os discursos apresentados pela Sociedade Brasileira de Turismo em sua Revista ajudam a compreender as transformações ocorridas na época referida.

Acredita-se também que o decréscimo das atividades agrárias e a perda sucessiva de importância política na cidade foram determinantes para que as elites se direcionassem para a redefinição de suas práticas econômicas. Neste momento o turismo aparece como uma alternativa, ainda incipiente mas capaz de proporcionar ganhos financeiros com a especulação de terras, a construção civil, o impulso de novas atividades como a hoteleira e os cassinos, além de uma série de novos produtos/serviços que surgiram com a “era do automóvel” que o

turismo ajudou a impulsionar (venda de veículos, oficinas mecânicas, borracharias, construção de estradas, entre outras). Neste sentido, observou-se que o turismo organizado no Rio de Janeiro foi sustentado e incentivado em seu primeiro momento por uma elite econômica que objetivava diversificar seus investimentos.

Espera-se que este breve ensaio sirva como subsídio ou pelo menos como provocação para futuras pesquisas sobre as origens e evolução do turismo, tanto na cidade do Rio de Janeiro como no Brasil.

Referências

Referências secundárias

ABREU, Maurício de Almeida. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

AGUIAR, Leila Bianchi. *Turismo e preservação de sítios históricos: o caso de Ouro Preto*. 2006. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2006.

ANDREATA, Verena. *Cidades quadradas, paraísos circulares: os planos urbanísticos do Rio de Janeiro no século XIX*. Rio de Janeiro: Mauad, 2006.

ARIAS NETO, J. M. . Economia cafeeira, urbanização e industrialização. In: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, livro 1 - O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

BARBOSA, Ycarim Melgaço. *História das viagens e do turismo*. 2.ed.rev. São Paulo: Aleph, 2005.

BENCHIMOL, Jaime Larry. Reforma Urbana e Revolta da Vacina na cidade do Rio de Janeiro. In: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, livro 1 - O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

_____. *Pereira Passos: um Haussmann tropical*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, 1990.

BOYER, Marc. *História do Turismo de Massa*. Bauru: EDUSC, 1999.

CALETRÍO, J.. De veraneo en la playa: pertencimento e o familiar no turismo de massa no Mediterrâneo. *Revista Estudos Históricas*. Rio de Janeiro, Vol. 24, n. 47; janeiro-junho de 2011 (pp. 119-140).

CAMARGO, Haroldo Leitão. Fundamentos Multidisciplinares do Turismo: História. In: TRIGO, L. G. G. (Org.). *Turismo, como aprender, como ensinar, 1*. 3ª ed. São Paulo: Senac, 2003.

_____. *Uma pré-história do Turismo no Brasil: recreações aristocráticas e lazeres burgueses (1808-1850)*. São Paulo: Aleph, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. *Os Bestializados: o Rio de Janeiro e a República que não foi*. 3.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

CASTRO, Celso. Narrativas e imagens do turismo no Rio de Janeiro. In: VELHO, Gilberto (Org.) *Antropologia Urbana: Cultura e sociedade no Brasil e em Portugal*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

_____. A Natureza Turística do Rio de Janeiro. In: BANDUCCI JR, Álvaro; BARRETTO, Margarita (Org.). *Turismo e identidade local: uma visão antropológica*. (2ª Ed.); Campinas: Papyrus, 2002.

CASTRO, Celso; FREIRE-MEDEIROS, Bianca. *Destino: Cidade Maravilhosa - turismo no Rio de Janeiro*. (Catálogo de exposição). Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2011.

CASTRO, Silvia Regina Pantoja Serra de. O Projeto Político de Nilo Peçanha. In: FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *A República na Velha Província*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Ed., 1989.

DAIBERT, André Barcelos Damasceno. *História do Turismo em Petrópolis entre 1900 e 1930*. 2010. Dissertação (Mestrado em Bens Culturais e Projetos Sociais) – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

ENDERS, Armelle. *A história do Rio de Janeiro*. (2.ed.) Rio de Janeiro: Gryphus, 2008.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *A República na Velha Província*. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1989.

_____. *Em busca da Idade de Ouro: as elites políticas fluminenses na Primeira República (1889-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1994.

_____. *Rio de Janeiro: uma cidade na história*. Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, 2000.

FERREIRA, Marieta de Moraes; PINTO, Surama Condé Sá. A Crise dos Anos Vinte e a Revolução de Trinta. In: FERREIRA, Jorge.; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (Org.). *O Brasil Republicano, livro 1: O tempo do liberalismo excludente: da Proclamação da República à Revolução de 1930*. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.

FLORES, Elio Chaves. As Fundações Historiográficas da Turismologia. *SAECULUM – Revista de História*, ano 11, nº 12. João Pessoa: Departamento de História / UFPB, (pp. 142-163), jan./jun. 2005.

FRATUCCI, Aguinaldo César. A formação e o ordenamento territorial do turismo no Estado do Rio de Janeiro a partir da década de 1970. In: BARTHOLO, R. DELAMARO, M. BADIN, L. (orgs.). *Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FRIDMAN, Fania. *Donos do Rio em nome do Rei*. Uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Garamond, 1999.

GASTAL, Suzana. CASTRO, Marta Nogueira. A Construção do campo do turismo: o papel do Touring Club no Rio Grande do Sul. In: CÂNDIDO, L. A. ZOTTIS, A. M. (Orgs.). *Turismo: Múltiplas abordagens*. Novo Hamburgo: Feevale, 2008 (pp. 30-41).

GASTAL, Suzana; CISNE, Rebecca. Turismo e sua História: Rediscutindo periodizações. In: *Anais do VI Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul*, julho de 2010 [recurso eletrônico] Caxias do Sul, RS: UCS, 2010.

HARVEY, David. *The condition of post-modernity*. Oxford, Basil Blackwell, 1989.

HOBBSBAWM, E. *A Era do Capital*. (5ª ed.) Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2000.

IGNARRA, Luiz Renato. *Fundamentos do Turismo*. São Paulo: Pioneira, 2001.

LESSA, Carlos. *O Rio de todos os Brasis: uma reflexão em busca de auto-estima*. (3ª ed.) Rio de Janeiro: Record, 2005.

MACHADO, Marcello de Barros Tomé. A formação do Espaço Turístico do Rio de Janeiro. In: BARTHOLO, R. DELAMARO, M. BADIN, L. (orgs.). *Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

_____. *A Modernidade no Rio de Janeiro: construção de um cenário para o turismo*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal das Culturas, Coordenadoria de Documentação e Informação Cultural, Gerência de Informação, 2008.

MASCARENHAS, G. Cenários contemporâneos da urbanização turística. *Caderno Virtual de Turismo*. v. 14, UFRJ; Rio de Janeiro, 2004.

_____. Urbanização turística e a produção do lugar em Penedo.. In: BARTHOLO, R., DELAMARO, M., BADIN, L.. (Org.). *Turismo e Sustentabilidade no Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FAPERJ/Garamond, 2005, v. 1, p. 110-136.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA. *Anuário do Museu Imperial*. [Ed. Comemorativa]; Petrópolis, 1995.

MOESCH, Marutschka. *A Produção do Saber Turístico*. São Paulo: Contexto, 2000.

MONTEJANO, Jordi Montaner. *Estrutura do Mercado Turístico*. (2ª Ed.); São Paulo: Roca, 2001.

MOTTA, Marly Silva da. *A nação faz cem anos: a questão nacional no centenário da independência*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1992.

_____. *O lugar da cidade do Rio de Janeiro na federação brasileira: uma questão em três momentos*. Rio de Janeiro: CPDOC/FGV, 2001a.

_____. *Rio de Janeiro: de cidade-capital a estado da Guanabara*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001b.

_____. *Rio, cidade-capital*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2004.

MOTTA, Marly Silva da; SANTOS, Angela Moulin Simões Penalva Santos. O “bota-abaixo” revisitado: o Executivo municipal e as reformas urbanas no Rio de Janeiro (1903-2003). *Revista Rio de Janeiro*. n. 10, Rio de Janeiro, 2003. (pp. 11-33)

PERROTTA, Isabella Vicente. *Desenhando um paraíso tropical*. A construção do Rio de Janeiro como um destino turístico. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais) – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2011.

PIRES, Mário Jorge. *Raízes do Turismo no Brasil: Hóspedes, hospedeiros e viajantes do século XIX*. São Paulo: Manole, 2001.

REJOWSKI, Miriam. (Org.) *Turismo no Percurso do Tempo*. São Paulo: Aleph, 2002.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

URRY, John. *O Olhar do Turista: lazer e viagens nas sociedades contemporâneas*. (2ª ed.) São Paulo: Studio Nobel / SESC, 2001.

VENEGAS, Héran. *Patrimônio Cultural e Turismo no Brasil em perspectiva histórica: encontros e desencontros na cidade de Paraty*. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Universidade Federal Fluminense: Niterói, 2011.

Referências Primárias

SOCIEDADE BRASILEIRA DE TURISMO. *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 1, jul. 1924.

_____. *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 2, set. 1924.

_____. *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 4, jan/fev. 1925.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE TURISMO / TOURING CLUB DO BRASIL. *Revista Brasileira de Turismo*. Rio de Janeiro, N. 5, mai/jun. 1927.

TOURING CLUB DO BRASIL. *Revista Brasileira de Turismo*. Número especial: o monumento rodoviário. Rio de Janeiro, 1929.

XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH
BRASIL